

OS ANJOS E EU

Gilmar Saint'Clair Ribeiro

Com profundidade de pensamento filosófico e teológico, Gilmar Ribeiro nos proporciona, através desta obra, um ensinamento seguro sobre o que os Anjos realmente são e de como atuam, imunizando-nos, dessa maneira, contra as penetrações de influências espíritas, esotérico-cabalísticas e similares, que grassam, um pouco por toda parte, nos dias de hoje.

INTRODUÇÃO

A crença nos Anjos não se restringe a determinada religião. Todas as culturas, ocidentais e orientais, em todos os tempos, falam da existência de seres etéreos, mensageiros da luz celestial, agentes da Providência divina, com a função de zelar e proteger os homens.

Anjos não são espíritos desencarnados, nem seres extraterrestres, nem espíritos da natureza. Constituem uma outra hierarquia de seres criados por Deus.

Estão sempre prontos a nos ajudar em todas as circunstâncias da nossa vida, seja como guardiães, guias espirituais, incentivadores, animadores, consoladores, seja como agentes de curas, de milagres etc.

Os Anjos enriquecem nosso modo de pensar, infundindo-nos pensamentos e idéias nobres. Nos ajudam a compreender nossa natureza superior e a desobstruir a imaginação, facultando-nos uma espécie de ligação direta com o sobrenatural. Se nós o permitirmos, eles nos salvam dos perigos, do desânimo e do desespero. Eles podem elevar o nosso espírito e nos ensinar a encontrar as pegadas de Deus em todas as nossas experiências.

A angelóloga americana, Terry Lynn Taylor, faz uma observação muito interessante, em uma de suas obras:

“Quando declaramos acreditar em algo, freqüentemente surge alguém que nos pede para prová-lo. Normalmente, as pessoas querem provas sob uma forma visual, algo que possam enxergar e talvez tocar. É difícil comprovar a existência dos Anjos para alguém que fincou o pé numa atitude do tipo ver-para-crer. Peço a você que ponha de lado o paradigma do ver-para-crer. Alguma vez você já viu uma onda de

rádio? Uma estação de rádio pode emitir um som por vários quilômetros através do ar, sem fios e, se estivermos com o modelo adequado de receptor ligado, nós o ouviremos -- coisa que poderá parecer mágica para uma pessoa que não tenha conhecimento algum sobre rádios.

No caso dos Anjos, os receptores somos nós e, ainda que nem sempre tenhamos a chance de enxergá-los, eles estão por toda parte à nossa volta, exatamente como os sinais de rádio e televisão”.

* * *

Parece ser que em nossos dias, da tecnologia de ponta, da física quântica e quejandos, o homem moderno, cansado de tanta ciência concreta e positiva, se abre para a busca e a vivência do mistério, seja ele esotérico, cabalístico etc. Daí esse novo despertar da realidade angélica em sua consciência, que explica a proliferação nas livrarias de tantos títulos que falam de Anjos e demônios, dando-lhes uma atualidade igual, senão maior, da que tiveram nos remotíssimos tempos de Sócrates e Plotino...

* * *

O mundo dos espíritos nós não o vemos, não o tocamos, ele se perde para nós em um estranho mistério. No entanto, ele nos preocupa. Nós o pressentimos, ora próximo, ora distante, amistoso ou hostil. Instintivamente, estamos persuadidos que ele tem algo a ver com a história dos homens: a nossa, a sua história, leitor!

Ademais dessas obscuras intuições, que sabemos a respeito daquele mundo? Onde nos documentar com segurança sobre ele? O recurso aos expedientes mais ou menos esotéricos da parte de quantos... será o meio mais seguro? É pelo menos duvidoso... Quantos recorrem às Sagradas Escrituras e à teologia de bom quilate? Os próprios católicos, não raro, ignoram o pensamento da Igreja concernente aos espíritos invisíveis. O que é lastimável, pois, assim, eles se privam das luzes preciosas desses nossos companheiros neste vale de lágrimas.

Contribuir para que uns e outros conheçam melhor esse mundo, ao mesmo tempo tão diferente e tão próximo do nosso, é o modesto objetivo desta obra.

* * *

Sob diversas formas, mas inegáveis, encontra-se por toda parte a crença misteriosa em um mundo invisível, terrificante ou apaziguador. As crianças não são as únicas a povoar o seu universo de maravilhoso. O atual progresso de distintas modalidades de esoterismo revela essa presença de uma ordem misteriosa que escapa da matéria e a domina. Supersticiosa ou refletida, a crença nos espíritos tem algo de invencível, à qual nenhuma ironia ou negação resiste.

Procederá isso apenas da religiosidade humana? Será fruto da necessidade de explicar o desconhecido que envolve as diversas manifestações do imenso poder cósmico que rege o universo? Há quem considere a crença nessas forças ocultas como característica da razão humana em seu estado de infância. Seria a metafísica de primatas, indigna de um pensamento que a evolução das ciências já esclareceu sobre os segredos da natureza.

Certamente, os limites da sombra recuaram... e nós já não atribuímos aos demônios ou às fadas os aspectos nocivos ou benfazejos das fontes e das plantas. Em certos domínios, no entanto, sobretudo o domínio moral, notamos que as descobertas científicas, por mais penetrantes que sejam, permanecem impotentes. E numerosas razões nos levam a reconhecer a existência de forças superiores responsáveis por certas ações e fatos. Determinadas manifestações de poder, por exemplo, tanto na linha do bem como na do mal, são de tal modo desproporcionadas com as energias humanas que é forçoso atribuí-las a intervenções mais altas. Quem ri desta explicação, mais cedo ou mais tarde, acaba se dando conta de que seu riso é infundado.

Com efeito, em certas circunstâncias, o homem mais leviano, no fundo de seu coração discerne com espanto que ele não é o mais forte sobre a terra. Quanto, em certas horas, parece frágil a certeza fundada sobre os magníficos poderes da ciência.

A história da humanidade está repleta de confissões pungentes, infantis ou refletidas, de uma crença que resiste a toda crítica. O culto dos espíritos, bons ou maus, nós o encontramos como traço comum a homens de todas as cores e raças. E tudo traz a marca disso: seu pensamento e suas manifestações religiosas e artísticas. Faz parte da herança humana.

Nós vemos grandes pensadores se voltarem para o problema. Eles procuravam conhecer melhor esses seres invisíveis, de cuja existência o seu sentimento religioso e sua intuição os persuadia. Curiosamente, o ponto de partida de sua investigação não era o medo infantil que todos nós sentimos diante do desencadeamento das forças ocultas da natureza, mas sim a emoção sagrada diante da imponente majestade de

certos panoramas mais as suas reflexões sobre a vida e as condições do espírito humano.

Sócrates e Plotino mencionavam com respeito o amor do *daimon* que os levava a atingir as realidades da alma mais profundamente que a intuição comum da razão. Após eles, numerosos filósofos procuraram situar e perscrutar esses seres invisíveis cujo contato garante a distensão e a sublimação do espírito discursivo.

Quanto ao mais, para quem reflete sobre a ordenação do universo, a existência de espíritos inteiramente subtraídos à matéria, longe de parecer um escândalo, revela-se, pelo contrário, como algo necessário. De fato, seria estranho que a obra de um Deus transcendente comportasse apenas seres submetidos às leis dos corpos e que a espiritualidade divina fosse representada tão-somente pela alma humana, que, aliás, a representa quão imperfeitamente.

O êxito harmonioso da criação postula a existência de um mundo sobre-humano, onde brilhem mais e mais os esplendores do espírito. Tal é o contexto filosófico no qual se situam diversas teorias concernindo os espíritos puros, as “inteligências separadas”, que são um testemunho da ratificação pela reflexão racional dos pressentimentos do instinto religioso a respeito desse mundo misterioso situado entre a criação corporal, da qual fazemos parte, e Deus.

* * *

Realmente, o mundo dos espíritos nos preocupa. O que lhe toca desperta instintivamente nossa curiosidade, a tal ponto que o laconismo das informações fornecidas sobre ele pelas Sagradas Escrituras nos incomoda. Elas nos fornecem dados fragmentários e não um ensinamento completo. O que não é de estranhar, sendo a Bíblia uma obra que se ocupa da história dos homens e, mais particularmente, do povo eleito. Assim, ela fala dos Anjos, bons ou maus, tão-só na medida em que eles intervêm na vida dos indivíduos e dos povos para a realização da obra de Deus.

Segundo as Escrituras, os Anjos são, antes de tudo, enviados de Deus, seus mensageiros. Não fazem parte do mundo humano e parecem libertados das necessidades físicas e dos acontecimentos. Agem soberanamente, intervindo do alto. Não em seu próprio nome, mas como executores da vontade do Senhor sobre os homens, para castigar ou para recompensar. Nesse sentido, são os instrumentos do Altíssimo, e em muitos textos o autor sagrado atribui a mesma ação

sucessivamente ao Anjo de Yahweh e a Yahweh em pessoa. O que não os impede de terem personalidade própria. Nós a vemos se manifestar no Livro de Tobias, que narra as relações do ArcAnjo Rafael com Tobias. Os Salmos e o Apocalipse mostram-nos os Anjos sob aspecto menos relativo, menos ministerial, posto que mais constante e mais profundo. Eles aparecem gravitando na órbita mais imediata de Deus, louvando-o e adorando-o. Livres das vicissitudes da existência terrestre, eles participam da luz e dos esplendores de Deus.

Contudo, isso constitui apenas uma parte do mundo sobre-humano de que falam as Escrituras. Em face dos Anjos, servidores de Yahweh, há os demônios, que são Anjos decaídos em revolta contra Deus. Servidores do mal, eles semeiam a tentação e o pecado pelo mundo. Estão em uma luta sem trégua com os Anjos bons, e os homens são o campo de batalha. No Evangelho, nosso Senhor Jesus Cristo exerce seu poder sobre os demônios e nos adverte sobre o poder nefasto deles.

Bons ou maus, os espíritos puros pertencem a um mundo que ignora limitações e vicissitudes, os sofrimentos físicos e as necessidades vitais da condição humana. Dotados de uma espécie de perenidade, eles atuarão no fim dos tempos com a mesma eficácia com que atuaram no decurso do Antigo Testamento. Eles compõem uma porção da criação maravilhosamente estável e intacta. São Paulo, Apóstolo, no-la apresenta como um conjunto hierarquizado situado entre o mundo humano e Cristo Senhor nosso.

Os dados bíblicos estão ao mesmo tempo bastante distantes e muito próximos das concepções pagãs concernindo os espíritos puros. A especulação racional pôde pressentir a espiritualidade desses seres cuja ação transcende realmente as possibilidades humanas. No entanto, maravilhada diante dessa grandeza, não soube sempre evitar de confundi-la com a Causa primeira. Na ótica bíblica, os espíritos, embora sendo sem medida comparável com os seres materiais, permanecem sempre distintos de Deus. São criaturas, devendo ser tratadas como tais. A admiração que se possa ter não pode se transformar em adoração. São Paulo, que conhecia bem o gosto por assim dizer inato do coração humano por toda sorte de esoterismo, advertia os cristãos para não tratar os Anjos, por mais belos e sublimes que fossem, como deuses.

* * *

Quando estudamos de perto os textos da liturgia tradicional da Igreja Católica, ficamos admirados ao constatar o papel que ela atribui à ação angélica. Quer se trate dos Sacramentos ou das diversas bênçãos, vemos a Igreja se preocupar com os perigos representados pelos demônios e a procura de auxílio no mundo angélico. O cerimonial litúrgico está repleto de exorcismos e de súplicas. E é notável ver a Igreja, em sua ação santificadora, empregar a autoridade que Deus lhe conferiu. Em nome de Cristo, cabeça de toda a criação, de quem o Evangelho nos diz que era servido pelos Anjos e que dispunha de legiões, a Igreja os requer para a realização de sua obra maternal. Ela lhes indica missões e postos de guarda.

Assim, são confiados à vigilância e a custódia dos Anjos homens e coisas que a Igreja abençoa. E nisso ela nos revela seu conhecimento profundo do mundo humano. Ela sabe que as realidades materiais não são estranhas aos movimentos da alma e que exercem, por intermédio dos sentidos, uma ação sobre o espírito. As realidades por mais físicas que sejam nunca são neutras. Elas são portadoras de um fluido misterioso, envoltas em certa “aura”, que é uma espécie de atmosfera difícil de precisar mas inegável, que purifica ou avilta. Alguns falam de magia... A Igreja, diante desse desconhecido, sabiamente, sem nada precisar, apela ao ministério daqueles que ela sabe mestres no assunto, porque mais lúcidos e mais poderosos.

A esses seres invisíveis, ela quer que recorramos a eles. Ela consagrou aos Anjos várias festas. E pede seu auxílio nas orações mais sérias de sua liturgia, como, por exemplo, no próprio Cânon da Missa.

* * *

O papel dos Anjos não é apenas litúrgico. A tradição cristã, no decurso de toda a história da Igreja, nos fornece numerosos testemunhos da intervenção dos Anjos na vida dos homens. Narrações antigas (cf. nossa Antologia) e a vida dos santos em épocas mais recentes estão repletas das manifestações dessa assistência maravilhosa, tranquilizando e reconfortando. Vemos esse mundo superior tão próximo de nós, tanto em circunstâncias excepcionais como na monotonia do cotidiano mais banal.

Em todos esses testemunhos nos é dado ver algo da majestosa luminosidade e da dignidade soberana do Anjo de Isaías e daquele que se manifesta a São João, no Apocalipse; da elegância e da deferência do ArcAnjo Gabriel diante de Maria; da solicitude inquieta e ardente do Anjo que instruiu em sonho a São José.

Enfim, a história nos revela numerosas manifestações desse vasto mundo invisível e silencioso, ainda misterioso mas muito próximo de nós, cuja fidelidade nos acompanha ao longo da peregrinação da humanidade neste vale de lágrimas.

* * *

De que serve tratar de certas coisas que não nos concernem interiormente? Nós só consentimos nas verdades de que temos sede... Aquele que tem a alma adormecida, só toma por real aquilo que seu corpo pode constatar ou seu espírito conceber. Ele não sabe que tudo isso é o reverso de um espetáculo insondavelmente mais belo, de um mundo muito mais real e profundo. Todas as explicações do mundo não convencerão o que tem a alma adormecida... Talvez isso explique o trágico mal-entendido dos espíritos. Eles empregam as mesmas palavras, mas não falam a mesma língua. Enquanto em uns, o som das palavras não vai além de sua inteligência, em outros ele desperta vibrações espantosas e indizíveis em regiões que eles conhecem sem ver, que são infinitamente mais vastas e mais belas que todos os palácios do saber.

Razão pela qual, aquele que não nasceu para a vida da alma julga como precárias e frágeis as reflexões sobre o mundo invisível... Ele nada sabe a respeito desses misteriosos contatos, da vida essencial das almas entre si, nem dos liames estranhos mas certos que nos unem aos Anjos de Deus. No entanto, também para eles, chegará a hora em que despertarão e aprenderão a julgar segundo outras medidas.

A partir de então, talvez, eles terão pago com lágrimas amargas e sofrimentos sem nome e compreenderão a verdade do que a Igreja ensina a respeito dessas forças invisíveis que regem as coisas deste mundo...

Por outro lado, não há alma desperta que não receba com estremecimento de amor a maravilhosa e comovente notícia da presença dos Anjos em sua vida. Quem apreendeu a importância e a gravidade da vida profunda não pensa em discutir sobre aquilo que se apresenta como normal e mesmo necessário. A alma humana é ao mesmo tempo por demais grande e por demais frágil para estar sozinha neste mundo.

Nossa peregrinação é tão delicada e nossos meios tão pouco seguros que a Bondade divina fez-nos acompanhar desde o nascimento até a morte, por um Anjo (cf. nosso Apêndice), freqüentador invisível dos pântanos, dos rios e dos mares onde tantos perigos nos ameaçam.

Diante do Anjo da guarda, que os espíritos levianos consideram com ceticismo, o metafísico, o místico e o poeta o contemplam com emoção. Uma confirmação do valor imenso da alma humana e do trágico da vida.

O conhecimento da realidade do mundo dos espíritos puros faz-nos compreender melhor a importância e a gravidade das coisas da alma, onde se passa e se consoma o melhor e o mais verdadeiro de nossa vida.